

Farney

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.
E se mais mundo houvera. Já chegara.
CAMÕES, e, VII e 14.

Diretor-Geral
Paulo Cabral de Araújo

Diretor-Superintendente
Edilson Cid Varela

Diretor-Responsável
Ari Cunha

Editor-Geral
Ronaldo Martins Junqueira

Gerente-Geral
Alberto de Sá Filho

Gerente Financeiro
Evaristo de Oliveira

Gerente Técnico
Ari Lopes Cunha

Gerente Comercial
Maurício Dinepi

Um democrata

Quando o governo Sarney chega ao fim, não se pode esquecer, a bem da verdade, que um autêntico democrata está deixando o Poder. Em toda a história deste País, jamais houve período de maior liberdade, a começar pelo direito de expressão, plenamente respeitado, a imprensa a dizer tudo o que bem quis.

Conduzido à Presidência da República em razão de súbita doença que levou Tancredo Neves à hospitalização, José Sarney adotou o Ministério organizado pelo grande político mineiro, com o qual seguiu por muito tempo. Mesmo após a morte de Tancredo, seus homens de confiança continuaram no primeiro escalão, alguns dos quais merecedores de todo o respeito por parte de Sarney, a exemplo de José Hugo Castelo Branco à frente do Gabinete Civil.

Homem lhano, e talvez pelo fato de haver assumido o Governo numa interinidade de vice, o partido mais forte da Aliança Democrática, o PMDB, encontrou terreno fértil para uma atuação forte, responsável em grande parte pelos desacertos da economia, em crise permanente, com a inflação sempre em alta, a rondar os limites hiperinflacionários.

Como pessoa de caráter, o presidente Sarney não se recusa a assumir a responsabilidade pela situação econômica, mas a Nação inteira sabe que o PMDB, com o condestável Ulysses Guimarães, tem muita culpa e não deve obscurecer sua contribuição para erros

vários. O setor econômico foi um feudo do partido do dr. Ulysses ao longo de quase todo o mandato de Sarney.

Diante de uma conjuntura ingrata, de males herdados de duas décadas de regime forte, o presidente Sarney lutou e fez das derrotas motivo de alento para novas batalhas econômicas. Pior teria sido se buscasse a alternativa dos covardes e simplesmente se entregasse, desistisse.

Seu inconformismo com a adversidade levou o Presidente a batalhar também no front externo. Por duas vezes transformou a tribuna da Organização das Nações Unidas em trincheira do Brasil. Mostrou ao mundo os exatos propósitos de um povo fiel a seus compromissos, avesso ao calote, que no entanto revolta-se em satisfazer débitos e juros na faixa da usura mediante sacrifícios crescentes. Como porta-voz legítimo dos interesses nacionais e dos habitantes de um país determinado a superar uma conjuntura das mais cruéis, Sarney foi taxativo: "A dívida não será paga com o sangue dos brasileiros".

O meio ambiente também teve em Sarney ardoroso defensor, segundo sua palavra às nações da Terra, campo em que o Brasil aceita a colaboração internacional, mas não abre mão em matéria de soberania, mais um forte traço de sua condição de democrata verdadeiro. Um governo disposto, enfim, ao dar de mãos, sem renunciar a princípios basilares de um país livre.